

# REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA ---- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil . . . . 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I A Nova Escola de Direito Criminal, por Arthur Orlando. — II Chronica ás pressas. — III Poesias, por João Ribeiro. — IV Da educação, por Herbert Spencer. — V Bibliographia Brazileira. — Catalogo alphabetico das publicações brasileiras.

## A Nova Escola de Direito Criminal.

I

O Sr. Dr. João Vieira de Araujo publicou no *Diario de Pernambuco* dous artigos sob o titulo *A Nova Escola de Direito Criminal*, com o fim de mostrar as vistas largas, as ideias novas da Italia de hoje na cultura das sciencias juridicas e especialmente do direito criminal.

« A Italia da actualidade, affirma calorosamente o nosso professor, concluindo o seu segundo artigo, quando em nenhum ramo de conhecimentos humanos se avantajasse hoje, bastaria a fundação e o desenvolvimento da Nova Escola de Direito Criminal para dar-lhe a hegemonia da sciencia juridica. »

Eis o alto conceito que da Italia moderna forma o Sr. Dr. João Vieira: alli as sciencias juridicas têm tomado um desenvolvimento

rapido, um vòo extraordinario, ocupando um logar eminente entre ellas o direito criminal pelo renovamento consideravel que no seu mecanismo tem exercido o genio da philosophia naturalistica.

« E' uma especialidade, diz o Sr. Dr. João Vieira, mas na qual penetrou a scienzia moderna diffundindo a luz sobre todos os phenomenos juridicos que se relacionam dentro da esphera respectiva com todos os outros ramos do direito e varias sciencias que têm por objecto o homem *criminoso* e sua actividade *anormal* e como fim a *diminuição dos crimes* que assoberbam as sociedades actuaes no esplendor de toda a sua civilisação. »

A verdade, porém, é que a chamada *Nova Escola de Direito Criminal* nem é uma especialidade da Italia, nem tem a importancia, que lhe attribue o seu animado vulgarizador.

Eu devo até confessar que lendo os artigos sobre a *Nova Escola de Direito Criminal*, afigurou-se-me que o seu autor se fizera propagandista não tanto por amor

ás ideias dos Ferri, dos Puglia, dos Garofalo, como por amor á sua propria pessoa.

Eu me explico: ha nesta terra muita gente para aqual a sciencia consiste mais na exhibição de phrases ruidosas do que no estudo serio a serviço de um intellecto superior. Para esta gente foi que o Sr. Dr. João Vieira escreveu os seus dous artigos com aquelles termos—*naturalismo moderno, anthropologia criminal, saturação criminosa*, e umas tantas outras palavras empenhadas, que a certos espiritos afiguram-se mundos desconhecidos, ideias novas.

Faço, portanto, a justiça de não acreditar que o Sr. Dr. João Vieira esteja convencido de que a Italia tem actualmente a supremacia no desenvolvimento das sciencias juridicas e de que esta hegemonia podesse ser adquirida pela fundação da *Nova Escola de Direito Criminal*.

Que vem a ser, com effeito, a escola dos Ferri, dos Puglia, dos Garofalo?

E' a escola que «estuda o homem criminoso em concreto, por todos os seus caracteressomaticos e physicos ao mesmo tempo tendo como fim a diminuição dos crimes» a escola que «substitue aos velhos criterios do livre arbitrio como fundamento da imputabilidade penal a responsabilidade effectiva e real do criminoso.»

Depois do muito que se tem escripto sobre a repressão da criminalidade era de esperar que a *Nova Escola* se mostrasse mais accommodada ás exigencias do progresso humano, ou que pelo menos houvesse descoberto meios mais efficazes de defender a sociedade contra as aggressões da criminalidade do que o odioso direito de punir.

Pelo menos, neste sentido trabalham alguns espiritos superiores que, não sendo italianos, todavia marcham á luz das sciencias naturaes e procuram estudar os factos sociaes, fazendo uma larga parte ao methodo objectivo.

Para estes o grande problema em materia criminal é « combater com as armas da sciencia o direito ficticio de punir que a sociedade se arroga. »

« Durante o periodo metaphysico, diz o russo Minzloff, se formou uma sciencia ficticia chamada *direito criminal*, que armada de uma longa série de sophisms provou a necessidade subjectiva das penas como

meios de intimidação, de correccão ou mesmo de suppressão, e pretendeu deduzir d'ahi a necessidade objectiva de todas estas elocubrações. »

Com effeito, a que resultado, se não a abolição do direito de punir, tem chegado os que estudam o homem criminoso em concreto, sob a accão de todas as condições exteriores que podem influir sobre a sua organisação individual?

Realmente, os que á luz da anatomia, da physiologia, da hygiene e todas as mais sciencias biologicas descobrem sempre no homem criminoso atrophia ou anormalidade nas circumvoluções typicas, inflamações meningeas, synostoses prematuras, cerebro-scleroses, atetomas, gastro-enterites, epilepsias, nevroses, molestias do coração, dos pulmões e tudo que faz com que « o quadro pathologico, que offerece a necropsia de um condemnado passe os limites da imaginação », não têm chegado a outra conclusão senão á conveniencia da abolição das penas, não sómente como inuteis, mas até como prejudiciaes á sociedade.

Considerar o crime um mero caso de *pathologia* ou de *atavismo* é negar a necessidade da pena e assim a existencia da chamada *sciencia do direito criminal*.

« Seguindo um outro caminho que não aquelle sobre que marcha laboriosamente e de todo inutilmente a chamada sciencia do direito criminal » é que marcham os que vêm nos criminosos meras victimas de uma variedade infinita de causas, que tornam o individuo tão responsavel pelos crimes, que pratica, como pela cõr dos olhos, com que nasceu.

A este respeito ainda vêm muito a propósito as seguintes palavras do citado Minzloff:

« O que importa a vós, juizes, que sois chamados a reparar o prejuizo causado á sociedade pelo crime, que o criminoso houvesse commettido o crime sob a influencia de causas morbidas ou não? Procurae saber se elle commetteu o crime, e se realmente commetteu, seja doente ou louco, um atavico ou um degenerado, isto não vos diz respeito. »

Por ahi vá vendo o Sr. Dr. João Vieira as conclusões a que chegam aquelles que, seriamente procuram accommodar o estudo do homem criminoso ao progresso das sciencias biologicas, e que nesta ordem de

estudos não pagam-se com palavras, mas esforçam-se por determinar até que ponto vai a influencia do clima, da alimentação, da idade, do sexo, da ocupação na producção dos crimes, como fez o distinto escriptor russo em um notável trabalho, que por si só vale mais do que todos os artigos do *Archivio di psichiatria e scienze penali*.

## II

Eu comprehendo que a sinceridade das convicções leve um professor ao suicidio, negando a sciencia que professa; o que não admitto é que a febre da exhibição, a *ta-pape* vá ao ponto de pretender fazer sciencia com dados que lhe são contrarios.

A figura de certos criminalistas, pretendendo innovar na sua sciencia com dados da *pathologia* e da *anthropometria*, é a mesma daquelle que ingerisse uma boa dose de veneno julgando ser o remedio supremo para a sua saude estragada.

« Reconheci o criminoso, é o russo Minzloff que ainda fala, responsavel perante a sociedade, inclausurando-o; perante a victima obrigando-o a remuneral-a. *Todos os symptomas pathologicos serão reconhecidos pelos medicos depois do julgamento e não antes*, quando se tratar de curar um doente e não de saber simplesmente se um homem commetteu tal ou tal accção. Esta curiosidade intempestiva de nossa justiça actual lembra-me os tribunaes da idade media, que levavam tão longe suas investigações que faziam processos formaes aos animaes e esses processos acabavam sempre de maneira tragica.»

Além disto, «a arvore julga-s: pelos seus fructos», e quaes os resultados obtidos pela invasão da *pathologia* e da *anthropometria* nos dominios da justiça criminal?

De duas uma: ou reconhece-se o criminoso como um *doente* e neste caso deve-se remettel-o para um hospital; ou como um *atavico*, uma especie de selvagem em paiz civilizado, na phrase de Bordier, e então a consequencia logica é deportal-o para um meio correspondente á sua natureza inferior.

O criminalista tem que apreciar o crime sob outras luzes além dos dados da *pathologia* ou da *anthropologia*. Nem é de hoje que assim penso: ha quatro ou cinco

anos escrevia eu que a base psychiatrica da criminalidade, tomando em consideração unicamente o individuo que praticou o crime, sem attender ao crime em si e sua accção sobre o meio social, respeitando a *doença* ou o *atavismo* em prejuizo do progresso social, é um grande entrave á civilisação. O que vê-se todos os dias? Os medicos legistas, que tomam parte nos grandes processos criminaes, com os seus pareceres, attribuem o crime ora a uma impulsão imperiosa e irresistivel (carencia de liberdade), ora a uma exaltação subita, a uma hallucinação momentanea (carencia de consciencia). Então estudam os *antecedentes* do criminoso ou o *momento* do crime, e, conforme este foi praticado *irre-istivel* ou *inconscientemente*, declaram que os juizes têm diante de si um caso de *atavismo* ou de *pathologia*; e assim verdadeiras feras humanas, almas de tigre, são conservadas no seio da sociedade para tormento, desespero e destruição das pessoas uteis á comunhão civil, das naturezas cheias de abnegação, que occultam muitas vezes as suas proprias lagrimas ou feridas para não entregarem um malvado ou um facinora ás mãos da justiça publica.

Porém o que mais irrita não é a mediocridade dos resultados ou a nocividade dos esforços pela invasão da biologia na apreciação de phenomenos sociaes, e sim o desplante com que certos espiritos, e estes muitas vezes mediocres, pretendem fazer sciencia de ordem superior simplesmente com semelhanças, analogias e metaphoras emprestadas a phenomenos de categoria inferior.

Assim causa indignação o atrevimento do Sr. Dr. João Vieira escrevendo que o livro de Ferri—*I nuovi orizzonti del diritto e della procedura penile*—«é uma synthese estupenda de dados da anthropologia e da estatistica para basear os principios fundamentaes da nova escola inutilisando as antigualhas existentes que destroem o caminho das pretendidas reformas nos codigos e nos systemas penitenciarios.»

Quanto a estatistica convém lembrar áquelles que andam a attribuir á *Physica social*, de Quetelet, maior importancia e significação do que ella realmente tem, o que a proposito dos *methodos e das tendencias da anthropologia contemporanea* escreveu Lacassagne:

«O methodo numerico, nas sciencias bio-

logicas ou sociaes, tem apparencias enganadoras de precisão, as quaes não se deve deixar prender. As cifras não indicam muitas vezes senão os resultados que queremos que ellas digam e eu tenho feito bem estatistica para saber quanto é difícil reunir todos os elementos de um problema afim de chegar a uma solução indiscutivel. Forget não exagerava quando dizia: «a estatistica é uma boa rapariga, que vai com quem a afflige mais.»

Feliz quem, como o Sr. Dr. João Vieira se entusiasma vivamente por um livro porque «é uma synthese de dados da estatistica!» Não conheço maior ventura do que o estado de espirito que julga ser sciencia notar com dados estatisticos que os factos sociaes produzem-se com uma certa regularidade.

Quanto a analogias e methaphoras tiradas de phenomenos de ordem inferior affirmava, não ha muito tempo, Wirouboff que dá-se sempre uma parte de confusão e de erro com esta transferencia de termos.

Por ahi já se pôde avaliar do valor scientifico da celebre lei, que Ferri inventou, e da qual fez-se adepto serio o Sr. Dr. João Vieira.

Refiro-me á *lei da saturação criminosa*, assim chamada por analogia com dados da chimica, segundo informa o seu proprio inventor.

Mas nem mesmo por analogia se pôde entender tão grotesco amphiguri, como é facil provar-se mostrando que o seu autor ignora completamente o que seja saturação.

«Do mesmo modo que, —afirma Ferri, segundo a traducción do seu adherente, a qual deve estar fiel,— em um dado volume d'agua, de uma temperatura dada, se deve obter uma quantidade determinada de substancia chimica, nenhuma molecula de mais ou de menos; assim tambem em um ambiente social dado, com dadas condições individuaes e physicas, se deve commetter um numero determinado de crimes nem um de mais nem um de menos.»

Que admiraveis novidades e que profundos conhecimentos scientificos em tão poucas palavras!

*Admiraveis novidades* na parte, em que o autor dos *Nuovi orizzonti del diritto e della procedura penale* diz com ares de sufficiencia que «em um dado ambiente

social, com dadas condições individuaes e physicas, se deve commetter um numero determinado de crimes, nem um de mais, nem um de menos», como se isto não importasse a mesma cousa que repetir que dadas as mesmas causas produzem-se os mesmos effeitos.

*Profundos conhecimentos* de chimica, quando o celebre *scientista* italiano faz consistir a saturação em se obter em um dado volume d'agua, de uma temperatura dada, uma quantidade determinada de substancia chimica, nenhuma molecula de mais ou de menos.

Quem consultar o *Diccionario de Medicina e das Sciencias accessorias*, de Charles Robin e Emilio Littré, verá que saturação é cousa diferente do que ensina Ferri: — «é o termo em que as affinidades reciprocas dos dous principios de um corpo binario, ou de um acido e de uma base qualquer sendo satisfeitas, nenhum dos dous principios é mais susceptivel de unirse com uma nova quantidade do outro.»

Em um velho diccionario de sciencias medicas encontrei as seguintes palavras sobre saturação:

«Observa-se, com effeito, na accão dos corpos uns sobre os outros, que elles não se combinam em todas as proporções, que ha limites fixos e naturaes na combinação, que esses limites sendo attingidos, um dos corpos não pôde mais unir-se, permanecendo as mesmas circumstancias, com uma nova quantidade do outro.

«Este effeito tem logar na solução dos saes: assim a agua, em uma temperatura dada dissolverá uma quantidade determinada de chlorureto de sodio (muriate de soda); uma vez carregada d'elle não pôde mais dissolver uma nova quantidade: diz-se então que a agua está saturada de sal, o que tem logar quando as moleculas d'agua e do sal estão em equilibrio de cohesão.»

Depois do que fica transcripto, quem não se convencerá de que o Sr. Dr. João Vieira é o unico capaz de se entusiasmar pela lei da *saturação criminosa* e o unico capaz de procurar para Ferri adeptos?

(Continua).

ARTHUR ORLANDO.

**Chronica ás pressas**

LUCIO DE MENDONÇA — *Vergastas*, Rio, 1889, 8.<sup>o</sup>

Collecção de poesias fliadas ao genero socialista, revolucionario, humoristico, mais ou menos como as de Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, Gomes Leal e outros.

Ha lindas poesias n'esta collecção. E a melhor, a mais bella é com certeza a que se intitula *A um pulpito quebrado*.

A escola ou genero dessas poesias me é antipathico; mas acho que são bem feitas e estão ao nível das melhores que foram escriptas sob a mesma intuição.

Essa intuição predominou no Brazil entre 76 e 82 mais ou menos, sob a aliás detestavel influencia d'aquelles poetas portuguezes que citei acima.

A capa das *Vergastas* é um bello desenho do nosso grande romancista Raul Pompeia.

FRANCISCO FERREIRA DA ROSA. *Segundo livro de leitura*. Rio de Janeiro, 1889.

Com este titulo se acha á venda um producto pernicioso da pedagogia brazileira. Tivemos a occasião de examinal-o.

Obra incorrecta, e completamente fora das normas e dos fins a que é destinada, o *segundo livro de leitura* é um manancial inexgotavel de disparates em má prosa e em versos quebrados.

Contem um conto onde se encontram um *sabiá*, um *gavião* e uma *AGUIA* (em que parte do mundo se acham reunidos tæs seres?)

Em uma pagina o auctor fala de « *celeiro de ratos* »; em outra, diz que a cana de assucar vae á moenda *depois de descascada* (que horror!) e diz mais alem que a « *Inglaterra é a maior productora de algodão!* » (que horror!)

Não vamos adiante.

Dos versos, então, nadadiremos. Recomendamol-os á misericordia cirurgica da Santa Casa.

LUIZ CARRE. *A dor*, poemeto. Rio, 1889.

*A dor* é a amostra mais miseravel de poesia que os prelos do orbe catholico ja-mais publicaram. Diz o diabo contra Deus, os padres e os reis, uma *sucia de bandidos*, na phrase do poeta.

*A dor* é um estado indomavel, mesmo ante o chloroformio da resignação, ante a cocaine da maior pacienza humana.

Propriamente o que o Sr. Luiz Carre tem, não é *A dor*, é a espinhela caida.

Cama e botica, Sr. Carre. Purgue-se, quanto antes.

INSTITUTO HISTORICO. O mez de outubro, no dia 31, fechou-se com a chave de ouro de uma sessão do Instituto Cacotorico, presentes as barbas imperiaes, o corpo diplomatico, *tutti quanti*. Caras navalhadas de fresco, bocas abertas por grandes sorrisos officiaes, attritos de algumas casacas que envelheciam pacatas nos *belchiores*, discursos, discursos, discursos... apenas variados para outros discursos.

Os chilenos anesthesiados, saturados da dormideira palavrosa dos brazis, mais uma vez adormeceram, apoz o exemplo vindo do alto, do imperial cochilo de S. M.

Depois que os grupos se dispersaram pelas salas do paco, houve uma alegria ruidosa, matinal, de quem acórdá de um pesadelo. Instintivamente cada um inquiria de outro :—Como passou a noite?

S. M. o Imperador não houve por bem recitar soneto algum, provando ainda e sempre que a clemencia é umas suas da melhores virtudes.

**MUSICAS**

Da Casa *Ao Lambary*, á travessa de São Francisco de Paula 22-A, que é hoje uma das que mais sobresahem em lindissimas edições de polkas e walsas, recebemos :

*SUAVITA*, polka por Eduardo Vidal, bella composição que ha de tornar-se popular em breve.

*CASA LAMBARY*, por Manuel José Ferreira da Silva, composição em estylo faceto e agradavel.

Não se esqueçam de adquiril-as, as sympatheticas leitoras.

CARLOS BARROSO. *Alguma cousa sobre varios assumptos, collecção de descripções úteis aos estudantes*, Rio, typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889, in-8<sup>o</sup> de 82-II pp.

Não é livro bem feito. Tem muitos e variados senões. Bom, se fosse o producto de um simples estudante de portuguez.

Não o recommendamos a *ninguem*; mas agradecemos ao auctor o obsequio do exemplar que nos enviou.

CARLOS AMERICO DOS SANTOS. These de concurso para a cadeira de inglez no Imperial Collegio Pedro II. *Rio, typ. Central, 1889, in-8º de 35 pp.*

PEDRO BOUCHER DE BOUCHERVILLE. Idem, idem. *Valença, 1889, in-8º.*

Das duas theses, a segunda (a do senhor Boucherville) apenas consta de um catalogo de verbos fortes, de duas ou tres linhas sobre idiotismos verbaes e de uma referencia a manuscripto inedito de uma *Grammatica* que S. S. vae offerecer a S. M. o Imperador (referencia que aliás não era do ponto).

O Sr. Carlos Santos não fala do Imperador, nem promette offerecer-lhe cousa alguma. No entanto a sua these, embora não tenha excessivo desenvolvimento, é um trabalho consciencioso e sobre o qual vale a pena demorar-se a attenção.

O estylo do seu trabalho é claro, e a exposição é nitida, facil e agradavel de ler-se.

O assumpto da dissertação é bastante esteril.

### Virgância de uma arvore

#### I

Perto d'uma cidade antiga a fama havia  
D'um carvalho sagrado. A sombra lhe acorría  
Todo o povo a prestar o culto e a adoração  
D'aquelle ídolo forte, enrijado no chão,  
E da terra nativa o habitante mais velho.  
Haviam-n'o plantado os deuses em conselho  
Reunidos para oppor aos imigos a audaz  
Sentinella na guerra ou nos tempos de paz.

Era de ver-lhe a activa, a deleitosa fronde  
Que uma parte do azul com a ramaria esconde  
Harpa de vozes mil de passaros, cantar  
Alto erguida no céo e coagulando o ar  
De verdura; de vêr-lhe o lenho amoso e forte  
Quando, retemperado ás ameaças de morte  
Ao flanco o manto asperrimo, ia o Frio hyernal  
Britando tiritante a brenha, e o mattagal...

Extraordinario, o ver-se, em perspectiva, as ramas  
Lineadas a buril sobre o poente, e as chamas  
Da luz ora entornada ao chão flexuoso, mol,  
Discos que arremecava o moribundo sol  
Longinquuo. Era de ouvir-se as cantigas ferozes  
Dos echos—natural sombra, ao longe, das vozes...  
E sempre a fronde queda altissima a cantar  
Theorba da Tradição coagulada ro ar.

Ao pé da arvore havia, entanto, o sorvedouro  
D'un rio que passava a fulva capa de ouro  
Undivaga arrastando, encontrando estouraz  
A cava rocha troante— o pouso coutumaz  
De cyclope bravio entre as esconsas fragoas  
Feitas pela caricia indomavel das aguas.  
Era o rio, de certo, a defesa melhor  
Da cidade por quanto a vencele o e a transpor  
Somente chegaria o genio do Cháronte  
Se houvesse o inesperado auxilio d'uma ponte.

Por isso, recrescia o culto e adoração  
Daquelle ídolo forte, enrijado no chão;  
Todo o povo acorria ao pé da arvore santa  
Primeira a ver a luz quando o sol se levanta.

#### II

Ora, a negra candai de sangue veiu um dia  
E jorrou sobre o Imperio a legião sombria  
Dos barbaros. A guerra, a pilhagem cruel  
Sobre a Italia tombon, devastando o verge!  
De Roma, o campo, o trigo, emmurchezendó as searas.  
O Incendio, a Peste, a Fome, as expansões avaras  
Rebentaram do solo estrumado na dor  
Na decomposição do conforto e do amor...  
E o camponez fugia aos Herulos bravios,  
Deixando os arraiaes, pingues margens de rios,  
O arado ao cepo, a foice ociosa entregne ao vil  
Descanço, e desarmado o ariete, o projectil,  
Faminto, ia buscar no seio das florestas  
O conchego d'um lar para as esposas honestas.

Os germanos, descendo a Italia a demarcar  
Por contornos de fogo o campo inteiro e o mar,  
Chegaram. Noite afora um bando cruento invade  
Para tomar de assalto a misera cidade.  
Loucura! quem podera a cidade assaltar  
Se entre ella e o campo haviainda peior que um mar  
Indomavel um rio espumante impetuoso?

Sombrio imaginando um plano tenebroso  
O barbaro pensava :—impossivel talvez  
Transpor aquelle rio!—

E na hedionda ebriez  
Do crime :—A's armas! clama. A's armas! necessario  
E' fazer-se uma ponte atravez d'esse estuario,  
Desse abysmo que impede a estrada a todos nós...  
(Todos vieram cercal-o afim de ouvir-lhe a voz)  
Derrubemos esta arvore e o tronco selvagem  
Tombando sobre o rio ha de dar-nos passagem.—

#### III

Alta a fronde no espaço esenta... sem mover  
As folhas. Quem lhe dera os braços estender  
Ua hospitaliera sombra aos seus velhos affectos,  
Quem déra a pequenez dos celeres insectos  
Iara n'esse momento a distancia affrontar,  
Das barbaras legiões o segredo levar  
A' cidade que dorme esquecida, impolluta!  
Alta a fronde no espaço immota e queda escura...  
Um baixo, em terra, zambe enxameia a legião  
Trôa a barbara voz « Prompts! » prompts estão.

Breve, o machado imigo o rijo lenho fende,  
Golpe sobre outro golpe e lactescente esplende  
Lacrimante resina. O tronco a estremecer  
Trepido a fronde abala apiedada a chover  
Sobre o seu proprio algoz a corbelha de flores,  
Respondendo ao golpear do machado os rumores  
Da passarada em cima o vôo a levantar...

E uma pausa se faz. Vae a arvore tombar...  
Range retorsa e cae estrugindo sobre a onda,  
Rouco, ao longe, o fragor pelos valles estronda...  
—Ei-a, a ponte! o germano alegrame:  
Passemos pois, o Deus dos barbaros o quiz.—

E a hoste inimiga irrompe o tronco todo enchendo,  
Feras, armas a mão, ao rio enfim vencendo.  
Porem, dentro de si enfim, concentrando o poder  
A rude arvore enrija as fibras e a gemic  
Arrebenta-se e vinga as suffocadas magmas  
Os barbaros cuspindo aos abyssos das aguas.

1888

## MUSEON

(N. 10)

*Na floresta os crepusculos eu passo  
A flor colhendo e o saboroso fructo  
Ouço um rumor, e cauteloso, astuto  
Apalpo as folhas estendendo o braço.*  
*Fauno talvez! e horripilado escuto...  
Eis quando surge sob um sol escasso  
Não qual imaginara o deus hrsuto,  
Mas uma nympha de ligeiro passo.*  
*Ah não fosse eu mortal e fosse dado  
Ao humano ser dos deuses o peccado!  
Se n'aquelle momento um deus eu fosse,  
Ao vento a flor e o fructo desprezando,  
Minha fôra esta deusa que é, passando,  
Mais que a flor mais que o fructo bella e doce.*

1889.

## MUSEON

(N. 11)

*Do mar e das espumas tu nasceste,  
O forma ideal de todas as bellezas,  
Inda teu corpo, mal vestindo-o, véste  
Um collar de maritimas turquezas.*  
*Milhares d'annos ha que appareceste,  
Outros milhares d'almas sempre accezas  
No teu amor, la vão seguindo prezas  
Da tua garra olympica e celeste.*  
*Beijo-te a boca e sigo embevecido  
Ondas sobre ondas, pelo mar afora,  
Louco, arrastado qual os mais têm sido,*  
*Ora te vendo as formas nuas, ora  
Toda nua a sentir-te em meu ouvido  
Do eterno som dos beijos meus sonóra.*

1889

**Da educação**

## DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

para uma creanca intelligente uma privação séria: não indica isto tudo uma terrivel ausencia de sympathia? A verdade é que as dificuldades da educação moral tem uma dupla origem, e algumas provém ao mesmo

tempo dos paes e dos filhos. Se a transmissão hereditaria é uma lei da natureza, como o sabem todos os naturalistas e como o afirmam todos os dias a experientia e os proverbios das nações, então na media dos casos os defeitos dos filhos são os reflexos dos defeitos dos paes. Dizemos a media dos casos, porque o facto da transmissão complicando-se com a influencia dos antepassados afastados, não pode ser verdadeiro, senão d'uma maneira geral. E, se na media dos casos essa hereditariedade de defeitos existe, as más paixões que os paes têm a combater nos filhos são precisamente as que elles próprios têm. Pode suceder que isto se não veja exteriormente, pode occultarse e encobrir-se com outros sentimentos; mas é assim. Não se pode portanto evidentemente esperar ver triumphar um sistema ideal de disciplina: os paes não são suficientemente bons para isso.

Além d'isso, quando mesmo houvesse methodos pelos quaes se podesse attingir o fim desejado, e quando mesmo os paes e mães tivessem bastante penetração, benevolencia e imperio sobre si próprios para applicarem esses methodos com ordem, poder-se-hia sustentar que seria impossivel reformar o governo da familia mais rapidamente do que são reformadas as outras cousas. Qual é o objecto que se tem em vista? A educação, de qualquer natureza que seja, não tem em vista preparar a creança para a vida, formar um cidadão que possa abrir o seu caminho no mundo? E abrir o seu caminho no mundo (não entendemos por isso o conseguir enriquecer-se, mas adquirir os meios de educar uma família), não implica uma certa adaptação do individuo ao mundo tal como elle hoje é? Se podessemos, por meio d'um sistema de educação já conhecido, produzir um ser humano ideal, duvida alguém que fosse elle proprio para viver no mundo tal como é? Não podemos nós, com razão, suspeitar que a extrema delicadeza de sentimentos e a extrema elevação d'essas regras de conduta lhe tornariam a vida intoleravel ou até impossivel? E, por mais admiravel que possa ser o resultado obtido no ponto de vista individual, não falharia porventura no ponto de vista da sociedade e da familia? Ha muitas razões para crer que n'uma familia, bem como n'uma nação, o governo é afinal de contas tão bom como o estado geral da natureza humana o permite. Neste como no outro

caso o carácter médio dos individuos determina o da autoridade exercida. Em ambos os casos o aperfeiçoamento do carácter individual conduz ao aperfeiçoamento do sistema; e nós dizemos que, se fosse possível aperfeiçoar o sistema sem que o carácter médio da sociedade se aperfeiçoasse previamente, o mal mais do que o bem resultaria quasi sempre. A aspereza que as crianças soffrem hoje dos pais e mestres pôde considerar-se como uma preparação para a aspereza bem maior que tem de encontrar à entrada no mundo. E pôde-se objectar que, se os pais e os mestres as tratassem com uma completa equidade, com uma perfeita benevolencia, não faria isso mais do que dar maior intensidade aos sofrimentos que o egoismo dos homens deve mais tarde infligir-lhes (1).

Alguem perguntará: «mas não prova isto de mais? Se algum sistema de educação moral pôde tornar as crianças o que elas devem ser; se, supondo que este sistema existisse, os pais são muito imperfeitos para o applicar; se mesmo no caso em que este sistema podesse ser applicado, os seus resultados devessem encontrar-se incompatíveis com o estado presente da sociedade, não se deduz portanto que a reforma do sistema actual não é possível, nem desejável?» Não: sómente se conclue d'aqui que a reforma do governo domestico deve seguir os mesmos passos que seguem as demais reformas; conclue-se apenas que os methodos de educação não podem não devem ser melhorados senão gradualmente; d'aqui se conclue finalmente, que as regras da perfeição, abstracta serão inevitavelmente na practica subordinadas ao estado presente

da humanidade, — tanto por causa da imperfeição das crianças como da dos pais e da sociedade — e não poderão elas ser observadas senão á medida que a moralidade geral progredir.

«Mas então, replica o nosso critico, é inutil formular um ideal de educação domestica. Não pôde haver vantagem alguma em inventar e preconisar methodos considerados como avançados no nosso tempo.» Ainda aqui pretendemos o contrario. Da mesma forma que em tudo que diz respeito ao governo politico, embora as leis de pura justiça sejam presentemente inapplicaveis é conveniente conhecê-las, afim de que todas as mudanças que se operam sejam feitas no sentido d'essas leis e não no sentido contrario; assim tambem em tudo o que diz respeito ao governo domestico é bom mostrar o ideal, afim de que possamos por degraus approximar-nos d'elle. Não temos a temer consequencia alguma má da nossa perseverança em manter esse ideal. Em geral o conservantismo instinctivo da sociedade é bastante forte para impedir uma mudança demasiado rapida. As cousas estão por tal fórmula dispostas, que, em quanto os homens não se elevarem ao nível das ideias moraes superiores, não poderão estes conceber-as: acceitam-nas nominalmente, mas não virtualmente; e quando a verdade é reconhecida, os obstaculos para a sua adopção ou prática são tão persistentes, que chegam a cançar a paciencia dos philanthropos e até a dos philosophos. Podemos pois estar antecipadamente seguros de que as dificuldades que se encontrarem no caminho, antes de chegarmos a uma educação normal das crianças, retardarão sempre na medida necessaria os esforços feitos para ali chegar.

Depois d'estas explicações preliminares passemos ás considerações sobre os verdadeiros objectos e os verdadeiros methodos da educação moral. Quando tivermos consagrado algumas paginas a estabelecer os principios geraes, paginas para as quaes nós reclamamos a atenção do leitor, trataremos de esclarecer por exemplos a conducta que devem ter os pais no meio das dificuldades que se apresentam continuamente na educação domestica.

Quando uma criança cahé ou bate com a cabeça na mesa, sente uma dor cuja lembrança tende a tornal-a mais attenta; e, pela repetição d'estas experiencias, chega a saber guiar os seus movimentos. Se toca

(1) É esta a desculpa que algumas pessoas apresentam da maneira rude como as crianças são tratadas nos collegios: aprendizagem, lhe chamam, n'un mundo em miniatura, rigores que as predispõe para o mundo real; esta desculpa porém é muito deficiente. Porque, se a disciplina da casa paterna e da escola não forem muito mais suaves que a do mundo, podem ser um pouco mais benevolentes; e, pelo contrario, a disciplina a que são submettidas as crianças em Etan, em Winchester, em Harrow, etc., é peior do que a da vida adulta, — mais injusta, mais cruel. Em vez de auxiliar o progresso da humanidade (como toda a educação deve fazer), o regimen das nossas escolas publicas tende a acostumar as crianças a uua fórmula despótica de governo, ao domínio da força, e por consequencia a adaptar as suas ideias n'un estado social inferior ao que existe. Recrutados como são a maior parte dos nossos legisladores entre os antigos alumnos d'estes estabelecimentos, pôde ver-se nesta influencia anti-civilisadora um obstáculo ao progresso da nação. (NOTA DE SPENCER).

em qualquer ferro da chaminé, se passa a mão por uma vela accesa ou lhe cahe uma gotta d'agua a ferver na pelle, a queimadura que recebe é uma lição que não esquecerá facilmente. A impressão produzida por um ou dois acontecimentos d'esta natureza é tão forte, que persuasão nenhuma poderá, para o futuro, leval-a a desprezar por esta forma as leis da sua constituição.

Ora em casos, como estes, a natureza mostra-nos, da maneira mais simples, quaes são a verdadeira theoria e a verdadeira practica da educação moral: — theoria e practica que poderão parecer, a um espirito superficial, que não differem do que é commummente admittido e que se afastam portanto consideravelmente, como o examen o demonstrará.

Notae em primeiro logar que para as feridas corporaes e para a dôr que estas originam, a nossa falta e as suas consequencias ficam reduzidas ás suas fórmas mais simples. Posto que na accepção popular as palavras *bem* e *mal* não se applicam ás accções que não produzam mais do que effeitos corporaes, quem reflectir vê que estas accções podem ser distinctas pelas suas duas qualificações. De qualquer hypothese que se parta, toda theoria moral concorda em que é boa conducta aquella cujos resultados e remotos ou immediatos são em summa maleficos; em quanto que é o criterio que serve aos homens, em ultima analyse, para julgar a sua conducta é a felicidade ou a desgraça que ella produz. Consideramos a embriaguez como má, porque a degeneração physica e os males que a acompanham são para o bebado e para sua familia as consequencias que arrasta. Se o roubo fosse vantajoso tanto ao que perde como ao que rouba, não figuraria na lista dos delictos. Se fosse possivel que os actos de bondade multiplicassem os soffrimentos humanos, nós condenmal-os-hiamos, não os teríamos como bons. Basta ler o primeiro artigo publicado seja em que jornal fôr, e escutar, qualquer conversa sobre os negocios sociaes para ver que os votos do parlamento, que os movimentos politicos, que as emprezas philanthropicas, bem como ás accções dos individuos, são julgadas segundo os resultados que d'ellas se esperavam, por augmentar os gozos ou os soffrimentos humanos. E se, analysando todas as ideias secundarias e derivadas, seguirmos o nosso criterio final do bem ou do mal, podemos recusar-nos

a chamar aos nossos actos physicos bons ou maus conforme elles produzirem resultados beneficos ou prejudiciaes,

Notae em segundo logar o caracter dos castigos que estas transgressões physicas previnem. Servimo-nos da palavra castigos á falta de melhor; porque não são castigos no sentido litterario; não são penas artificial e inutilmente infligidas; são simplesmente obstaculos beneficos applicados ás accções que contrariam essencialmente os interesses do nosso corpo, obstaculos sem os quaes a vida seria em breve aniquilada pelos ataques que tinha que soffrer. O caracter particular d'estes castigos (se assim lhe podermos chamar) é serem simplesmente as consequencias inevitaveis dos actos que os produzem: não são mais do que as inevitaveis reacções das accções da creança.

Recordemo-nos em seguida de que estas reacções acompanhadas de castigo são sempre proporcionaes ás transgressões. Um ligeiro accidente produz mais do que uma dôr ligeira; um accidente mais sério produz uma dôr mais grave. Não está na ordem das cousas que uma creança que esbarra com o umbral da porta e cahe, soffra mais do que é necessario, afim de que se torne por esse facto mais circumspecta do que tambem é necessario. Pela experiençia diaria aprende ella a conhecer quaes são os castigos, mais ou menos graves, os erros mais ou menos graves, e n'esta conformidade procede.

Notae finalmente que estas reacções naturaes, que seguem as accções erroneas da creança, são constantes, directas, seguras e não podem escapar-lhes. Nada de ameaças! apenas uma muda e rigorosa execuçao! Se uma espinha se lhe crava no dedo sente dôr; se penetra mais, soffre maior dôr ainda e assim successivamente. Em todas estas relações com a natureza inorganica encontra el'a esta persistencia infallivel, que não attende desculpa alguma e cuja accção é sem appello; e dentro em breve, reconhecendo severa esta disciplina, posto que benefica, torna-se extremamente attenta para não transgredir a lei.

Estas verdades geraes apparecer-nos-hão ainda mais significativas, quando nos recordarmos de que permanecem verdades durante toda a vida adulta, bem como durante toda infancia. E' pela experiençia adquirida das consequencias naturaes dos seus actos que os homens e as mulheres são

detidos no pendor do mal. Depois que a educação domestica acabou e que não ha paes nem professores para defender isto e aquillo, o individuo tem de se haver com uma disciplina semelhante áquelle pela qual a creança tem de dirigir os seus movimentos. Se o mancebo que entra na vida perde o seu tempo na ociosidade, se desempenha mal e negligentemente as funcções que lhe foram confiadas, o castigo natural não se faz esperar; perde o seu emprego e durante algum tempo soffre as consequencias d'uma pobreza relativa. O homem que não tem pontualidade, que falta constantemente aos seus compromissos de prazeres e de negocios, supporta-lhe as consequencias, que são perdas de dinheiro e privacão de gozos. O negociante que pretende obter elevados lucros perde os seus freguezes, e é por esta forma soperado na sua avidez. Os enfermos que abandonam o medico negligente ensinam-no a tratar com mais zélo os que lhe ficarem. O credor credulo, o especulador que confia demasiado em si, pelas dificuldades em que se encontram, reconhecem a necessidade de serem para o futuro mais prudentes nos negocios. É isto o que succede em toda a vida. No dictado que tantas vezes se cita em eguaes circunstancias : « creanca queimada teme o fogo » vemos que a sabedoria popular constata a analogia entre a disciplina social e a disciplina da natureza a respeito da creança, e esta reconhece ao mesmo tempo que tal disciplina é a mais efficaz. Todos têm ouvido dizer que « uma experencia caramente adquirida » o decidiram a mudar de conducta. Todos ouviram dizer aos que censuram a conducta d'este ou d'aquele prodigo ou especulador imprudente, que todos os conselhos seriam inuteis e que á « experencia amarga » isto é, o sofrimento que segue inevitavelmente tais erros, seria a unica efficaz. Se fosse preciso uma outra prova de que a reacção natural das nossas accões é a mais efficaz das penalidades, que nenhuma penalidade de invenção humana conseguiria substituir-a, encontrar-se-hia esta prova na estirilidade dos nossos systemas de penas legaes. De todos os methodos propostos de disciplina criminal, e postos em vigor pelo legislador nenhum correspondeu á expectativa que haviam concebido. Os castigos artificiales nunca corrigiram os criminosos, e por vezes tem produzido uma reincidencia de criminalidade. As unicas penitenciarias

em que se tem obtido algum resultado são os estabelecimentos cujo regimen é o mais possivel imitado da natureza, isto é, aquelle em que se não faz mais do que applicar ao criminoso as consequencias da sua má conducta :—diminuindo a sua liberdade na proporção necessaria para a segurança da sociedade e exigindo-lhe que ganhe a sua vida com o obstaculo d'este embaraço. Por aqui vemos : em primeiro logar que a disciplina pela qual a natureza ensina á creancinha a regular os seus movimentos é a mesma que retém sobre a lei a grande maioria dos homens e pela qual elles são mais ou menos moralizados ; em segundo logar, que todas as disciplinas de invenção humana applicadas aos peiores individuos são impotentes, logo que se afastam d'esta disciplina sublimemente ordenada, e que não começam a dar resultado senão quando se reapproximam d'ellas.

Por ventura não nos fornece isto o principio dirigente da educação moral? Não devemos acaso inferir que um sistema tão benefico durante a infancia e na madureza é igualmente benefico na juventude? Quem poderá acreditar que um metodo tão efficaz no primeiro e segundo periodo da vida o não seja no periodo intermediario? Acaso não é evidente que as attribuições dos paes é vigarem, como «servos e interpretes da natureza» para que os seus filhos experimentem as verdadeiras consequencias da sua conducta,— as reacções naturaes—não as repelindo nem augmentando, não lhe substituindo as consequencias artificiales ? Leitor algum desprecavido recusará a esta proposição o seu assentimento.

E' provavel que muitas pessoas pretendem ser isto precisamente o que faz a maioria dos paes; que os castigos que infligem são de ordinario a consequencia legitima da má conducta; que a cólera paterna, que se exprime por palavras duras e actos severos, é o resultado da transgressão effectuada pela creança, e que o sofrimento physico ou moral que a creança supporta torna-se a reacção natural de uma accão má. Nesta asserção, com muito erro, ha um pouco de verdade. Não admite duvida que o descontentamento dos paes e das mães é uma consequencia legitima das creanças e que as manifestações que elles lhes proporcionam são uma repressão normal d'essas faltas. As reprehensões, as ameaças, as pancadas que um pae exas-

perado prodigalisa ao filho culpado são por certo effeitos produzidos no pae por causa do mau comportamento do filho, e, por este motivo, podem ser considerados, como sendo, até certo ponto, as reacções naturaes d'essas más accões. Não temos por fôrma alguma desejo de pretender que estes processos de tratamento não sejam relativamente bons,— bons queremos dizer, com relação aos filhos ingovernaveis de adultos que propriamente foram mal dirigidos na sua juventude, e bons com relação ao estado d'uma sociedade na qual esses adultos mal disciplinados formam a grande maioria da nação. Como já dissemos, os systemas de educação, assim como as instituições politicas e outras, são geralmente tão boas quanto o permite o grau de cultura da humanidade. Os filhos barbaros não podem provavelmente ser educados senão pelos methodos barbaros que os seus antecessores usam espontaneamente; e estes methodos barbaros contêm provavelmente a melhor preparação que os seus filhos possam receber para viverem na sociedade barbara em que serão chamados a desempenhar um papel. Pelo contrario, os membros civilizados d'uma sociedade culta serão naturalmente levados a testemunhar o seu descontentamento d'uma maneira menos violenta, usarão naturalmente de meios mais suaves:— meios que serão bastante fortes para os seus filhos, já muito aperfeiçoados. E' pois verdade que em tudo que diz respeito ao sentimento dos paes e ao modo como elle se manifesta, que o principio da reacção natural é sempre mais ou menos seguido. O sistema da educação domestica gravita para a sua fôrma normal.

Mas observae agora dois factos importantes. O primeiro é que num estado de transição rapido como aquelle em que nos encontramos, estado durante o qual as velhas e novas theorias, os velhos e os novos usos estão constantemente em conflicto, pode succeder que os systemas de educação se encontrem em desaccordo com os tempos. Com relação aos dogmas que apenas convinham aos tempos que os formularam, muitos paes infligem aos filhos castigos cuja applicação é uma violencia feita ao seu sentimento pessoal, e levam d'esta fôrma os filhos a experimentarem reacções contra a natureza; em quanto que outros paes, entusiastas na sua esperança de perfeição immediata, se lançam no excesso opposto. O segundo facto é que

a manifestaçao da approvação ou desapprovação dos paes não constitue a melhor das disciplinas; a disciplina por excellencia é a experiença dos resultados necessarios que na ausencia de toda a intervenção dos paes dimanaria da conducta dos filhos. As consequencias, verdadeiramente instructivas e salutares, não são as que originam os paes, pretensos representantes da natureza, mas as que a propria natureza produz. Diligenciaremos tornar clara esta distinção com alguns exemplos, que, mostrando-nos o que é que entendemos por reacções naturaes e reacções artificiaes, fornecerão a ideia das applicações praticas.

Em todas as famílias onde ha creanças succede todos os dias que estas fazem o que as mães e as creadas chamam « desordem ». Uma creança espalhou os brinquedos sobre o sobrado; um ramo de flores trazido do passeio da manhã foi espalhado sobre as mesas e sobre as cadeiras; uma filhinha, ao fazer os vestidos para a sua boneca, encheu a casa de desperdicios de panno; quasi sempre o trabalho de reparar esta desordem cabe a quem não devia pertencer. Se isto ocorre no quarto das creanças, a ama, depois de ralhar contra « as aborreciveis creaturinhas » ella propria emprehende a tarefa; se acontece no apenso, este trabalho é incumbido ás mais velhas, ou aos creados, e tudo o que sucede ao transgressor é ser asperamente reprehendido. Todavia, num caso tão simples como este, os paes são ás vezes bastante intelligentes para seguirem, com mais ou menos persistencia, a ordem natural das cousas, recommendingo á creança que apanhe ella mesma os brinquedos, ás flores ou desperdicios. A tarefa de pôr as cousas em ordem é a consequencia verdadeira da falta que commetteram de as por em desordem. Todo o negociante na sua loja, toda a mulher na sua casa diariamente faz esta experiença. E, se a educação é uma preparação para a vida, toda a creança deve, desde o começo, experimental-a diariamente tambem. Se a creança resiste (o que pode succeder quando o sistema de disciplina moral préviamente seguido não for bom), é preciso deixar-lhe experimentar a reacção ulterior d'esta desobediencia. Como ella recusou reunir e pôr por ordem os objectos que havia desperdiçado, incomodando por isso outra pessoa nas seguintes occasões recusar-lhe-hão os meios de causar esse incommodo. Quando

vier pedir a sua caixa dos brinquedos, a resposta da mãe será esta: «da ultima vez que vos deram os brinquedos deixaste-os no chão e a Joanna é que teve o trabalho de os reunir. A Joanna tem muito que fazer para todos os dias andar a reunir os objectos que deixas no chão e eu menos o posso fazer ainda. Visto que não queres arrumar os teus brinquedos, logo que acabas de brincar, não t'os posso dar por este motivo». Evidentemente é isto uma consequencia natural, nem exagerada, nem diminuida, e a creança deve reconhecer-o. O castigo chega no momento em que é mais vivamente sentido. O desejo nascente é frustrado no mesmo instante em que a sua realisacão era esperada, e a forte impressão d'este modo produzida não pôde deixar de causar effeito sobre a conducta futura da creança: effeito que, constantemente reproduzido, fará tudo o que é possivel fazer-se para corrigir do seu defeito. Accrescentae a isto que, por este methodo, aprenderá muito cedo o que não conseguiria aprender muito tarde: o saber que neste mundo o prazer é a recompensa do trabalho.

Tomemos um outro caso. Não ha muito que ouviamos diariamente as censuras dirigidas a uma menina, a qual nunca estava prompta para o passeio quotidiano. Dada d'um caracter vivo, deixando-se facilmente absorver por uma occupação de momento, Adelaide não pensava nunca em por o chapeo antes que as outras creanças estivessem promptas para sahir. A sua ama e irmãs eram constantemente obrigadas a esperar por ella, e invariavelmente recebia todos os dias a reprehensão maternal. Posto que o insucesso mais completo acompanhasse o seu systema, á mãe nunca ocorreu a ideia de obrigar Adelaide a experimentar as consequencias naturaes da sua conducta. Ainda mais, não quiz ensaiar este methodo quando lho propozera. Neste mundo a inexactidão origina a perda d'alguma vantagem, que se teria alcançado sendo-se pontual: é o comboio que partiu; é o paquete que levantou ferro; são os melhores generos do mercado que se venderam, os melhores logares na sala do concerto, que estão ocupados; e por exemplo diarios pôde-se ver que é a perspectiva d'uma privação que soffrem os individuos por chegarem muito tarde. Não se vê claramente o que se deve d'aqui inferir. A perspectiva da privação não deve servir para regulari-

sar a conducta d'uma creança. Se Adelaide não estivesse prompta à hora marcada, o resultado natural da sua inexactidão era ficar e não ir ao passeio. E depois de ter ficado uma ou duas vezes em casa, enquanto as outras creanças se têm divertido nos campos, logo que ella tenha visto que a perda d'este prazer não é devido mais do que a sua falta de actividade, é muito provável que se corrija. Em todos os casos a medida tomada a seu respeito produzirá sempre mais effeito do que as asperas reprehensões perpetuas, que a nada mais attingem do que a produzir a indifferença.

Da mesma forma quando as creanças muito pouco cuidadosas quebram ou perdem os objectos qu'hes dão, o castigo natural — o mesmo que ensina as pessoas idosas a terem cuidado — é o desgosto que resulta d'isto. A privação do objecto perdido ou quebrado, a despeza que é preciso fazer para o substituir, são experiencias com que os homens e mulheres se disciplinam nestas materias; e as experiencias das creanças devem o mais possivel ser assimiladas às suas. Não falamos d'este primeiro periodo da vida, durante o qual a creança, quebrando os brinquedos, aprende a conhecer-lhes as propriedades physicas, sem comprehender ainda as consequencias da falta de cuidado; falamos d'esse segundo periodo em que se comprehende o sentido e as vantagens da propriedade. Quando uma creança, sufficientemente desenvolvida para possuir um canivete, se serve d'elle com tão pouca precaucao que lhe quebra a folha, ou quando o abandona na herba ao pé de qualquer sebe, depois de ter cortado uma vara, um pae irreflectido ou um tio descendente vão logo comprar-lhe outro, sem attentarem em que tiram por esta forma á creança a occasião de receber uma lição util. Em similhante caso um pae deve explicar que os canivetes custam dinheiro; que para ter dinheiro é preciso adquiril-o pelo trabalho e que elle não pôde comprar canivetes para quem os quebra ou perde; que por conseguinte, enquanto a creança não tenha dado a prova de se tornar mais cuidadosa, não alcançará outro canivete. Uma similhante disciplina servirá para obstar á prodigalidade da creança.

Estes exemplos familiares que escolhemos para aqui, porque a sua simplicidade põe o nosso argumento em evidencia, tornarão clara para todo o mundo a distincção entre os castigos naturaes, unicos que

sustentamos serem efficazes, e os castigos artificiales por que substituem aquelles. Antes de apresentar as applicações mais delicadas e mais elevadas do principio esclarecido por estes exemplos, notemos essas grandes e numerosas vantagens sobre o principio, ou antes sobre a practica empirica que prevalece na maior parte das familias.

Uma das vantagens é que a sua applicação produz no espirito noções justas de causa e effeito, noções que experienzia repetidas mais tarde tornam definitivas e completas. É facil conduzirmo-nos bem na vida quando se comprehendem as boas e as más consequencias d'estas accções, mais ainda do que quando se acredita na auctoridade dos outros. Uma creança, que vê que a desordem impõe o castigo de metter as cousas em ordem, ou que a indolencia faz perder um prazer, ou que a falta de cuidado a arrisca a perder um objecto util e agradavel, não sómente lhe sente vivamente as consequencias, mas adquire, alem d'isso, a ideia de relação de causa para effeito, e isto segundo a maneira de que elle mais tarde fará a experienzia na vida. Em quanto que a creança, que em igual caso recebe uma reprehensão ou algum castigo ficticio, não sómente supporta mais do que uma consequencia com que se incomoda pouco, mas não recebe, sobre a natureza essencial da boa ou má conducta, a instrucción que sem isso devia ter recebido. De facto um dos vicios do systema das recompensas e dos castigos artificiales, vicio que os espiritos previdentes muito antecipadamente descontinaram, substituindo ás consequencias naturaes da má conducta os trabalhos em duplicado ou as correccões, é o falsificarem nas creanças o criterio da moral. Quando, durante toda a sua infancia e juventude, elles consideraram o descontentamento dos paes e dos mestres como o principal resultado das suas transgressoes, estabelece-se no seu espirito uma associação de ideias entre a transgressão e o descontentamento que ella produz, como entre a causa e o effeito. D'aqui resulta que apenas os paes e os mestres abdicarem e que o seu descontentamento não fôr de receiar, a regra moral encontra-se em grande parte supprimida pela mesma accção, e a verdadeira lei, a das reacções naturaes, deverá ser aprendida com uma triste experienzia. Assim como o escreve

um homem que pessoalmente conhece os effeitos d'este systema de curtas vistas : « logo que os jovens abandonarem a escola, particularmente aquelles cujos paes desprezaram exercer a sua influencia, lancam-se em todas as extravagancias ; não conhecem regras de accão ; ignoram as razões de uma conducta moral ; as suas ideias não têm fundamento sobre que possam reposar ; e, em quanto não são severamente disciplinados pela vida, são membros extremamente perigosos da sociedade ».

Uma outra grande vantagem d'esta disciplina natural é a sua estricta justiça, e tanto que toda a creança o reconhecerá. O que não supporta outros males senão aquelles que, na ordem natural das cousas, resultam da sua conducta, não se encontrará injustamente tractado, como o que supporta um castigo artificial ; e isto é tão verdadeiro a respeito dos homens como das creanças. Tomae, por exemplo, uma creança, que é negligente por habito, com os seus vestidos, que atravessa as ruas sem precaucao, que não evita o enlamear-se. Se lhe batem ou se a deitam na cama, considerar-se-ha maltractada ; e tratará mais de ruminar os seus desgostos do que arrepender-se da sua falta. Mas suponde que a obrigam a remediar quanto fôr possivel o mal que fez, a limpar a lama com que se sujou, a remendar os rasgões do fato, não foi um incommodo que a si proprio originou ? Em quanto ella sofre o castigo que lhe é devido, não terá constantemente presente ao espirito a ligação d'este castigo com a sua causa ? E, apesar da irritação, não terá elle mais ou menos uma consciencia clara da justiça d'este arranjo ? Se muitas lições d'esta ordem não produzem o seu effeito ; se os vestidos novos se rompem antes do tempo, o pae, proseguinto na applicação d'este methodo de disciplina, recusará despender dinheiro para novo fato antes da epocha em que costuma comprar-lh'o ; e, se durante este tempo se apresentam occasões nas quaes, por falta de vestidos decentes, a creança fica privada de sahir com a familia, como, por exemplo, as excursões dos domingos e as festas em casa dos amigos, é evidente

HERBERT SPENCER.

(Continua)

# Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE OUTUBRO DE 1889 — BOLETIM XX

**AVISO.** — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

## Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

### LIVROS

243 — AFFONSO DE CARVALHO. Verbos fortes, idiotismos verbaes. These de concurso á cadeira de inglez do imperial collegio de Pedro II, pelo Dr. Guilherme Affonso de Carvalho. Rio de Janeiro.

244 — ANTONIO MARQUES. Pela revolução, propaganda republicana, por Antonio Marques. Rio de Janeiro.

245 — ASSIS FIGUEIREDO Relatorio apresentado ao Sr. Conselheiro Carlos Affonso de Assis Figueiredo, presidente da provin- cia do Rio de Janeiro, em cumprimento do disposto no regulamento de 11 de Agosto de 1876, art. 28 § 8.<sup>o</sup> pelo director da fazenda da mesma provin- cia, Paulo José Pereira de Almeida Torres.

246 — BRAZILIO MACHADO. Divisão judicia- ria da provin- cia de S. Paulo—Trabalho es- tatico, organisado para o Banco de Credito Real de S. Paulo, por seu advogado Dr. Brazilio Machado.

247 — CARLOS BARROSO. Alguma cousa sobre varios assumptos, collecção de des- cripções uteis aos estudantes, 1 vol de 84 pags. in-8.<sup>o</sup> Rio de Janeiro Typ. de G. Leuzinger & Filhos (1889)

248 — CALVACANTI DE ALBUQUERQUE. These apresentada em concurso á cadeira de inglez do collegio Pedro II, pelo Sr. Dr. Pedro Cavalcanti de Albuquerque.

249 — FRANCISCO BHERING. These de con- curso á vaga de lente substituto da 1<sup>a</sup> sec- ção do curso geral da escola polytechnica, apresentada pelo Dr. Francisco Bhering.

250 — HOMENAGEM. Do instituto historico e geographico brazileiro, e da imprensa flu- minense aos argentinos

251 — JOAQUIM DE SIQUEIRA. These de concurso á cadeira de inglez (substituto) do Imperial Collegio D. Pedro II, por Joaquim de Siqueira.

252 — LUCIO DE MENDONÇA. Vergastas, (poesias), 1 vol. de 96 pags. in-16. Typ. e Lyt. de Gaspar da Silva. Rio de Janeiro.

253 — RELATORIO do Centro dos Machi- nistas do Imperio do Brazil, pelo seu pre- sidente José Dias de Carvalho Netto.

254 — RELATORIO da directoria da Com- panhia Ferro Carril Pernambuco, apresen- tado á assembléa geral dos Srs. accionistas. Rio de Janeiro.—Typ. de Antonio José Gomes Brandão.

### Noticiario

O centro bibliographico tem no prelo um volume de poesias, do distinto poeta João Ribeiro.

Sahirão á luz até ao fim de Novembro.

As obras offerecidas ao centro bibliogra- phico serão sempre descriptas e accompa- nhadas do preço, se os editores ou os auc- tores nos mandarem as indicações e na falta delas collocaremos um cifrão.

## LIVROS

A VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

<i>Vicente Quesada</i> —Vireinato del Rio de la Plata (1776-1810).—Apuntamientos critico-historicos, 1 vol. enc.	3\$000
<i>José Maria Reyes</i> —Descripcion geografica del territorio de la Republica del Uruguay acompañada de observaciones geologicas, 1 vol. enc.	3\$000
<i>Emile Carrey</i> —Le Pérou. Tableau des criptif, historique et analytique, 1 vol. enc.	2\$500
<i>Francisco Bausá</i> —Historia de la dominacion Espanola en el Uruguay, 2 volumes, encs.	4\$000
<i>Noticias historicas</i> —Politicas y estadisticas del Rio de la Plata con un apendice sobre la usurpacion de Montevideo por los gobiernos Portugues y Brasilero, 1 vol. enc. raro	3\$000
<i>Alfred de Brossard</i> —Considerations sur les Republiques de la Plata, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Condamine</i> — Histoire des pyramides de Quito, 1 vol. enc. raro	3\$000
<i>Joaquin Acosta</i> —Compendio historico del descubrimiento y colonizacion de la Nueva Granada	2\$000
<i>Andres Lamas</i> —Apuntes historicos sobre las agresiones del Dictador Rosas contra la independencia de la republica del Uruguay, 1 vol. enc.	3\$000
<i>Woodbine Parish</i> —Buenos Ayres y las provincias del Rio de la Plata, 1 volume enc.	2\$500
<i>R. M. Baralt</i> —Historia de Venesuela, 1 vol. enc.	2\$500
<i>Dumont d'Urville</i> — Voyage pittoresque au tour du monde. Accompagné de cartes et de nombreuses gravures en taille-douce sur acier, 2 vols. encs.	8\$000
<i>Emilio Castelar</i> —Recuerdos de Italia, 2 vol. encs.	4\$000
<i>Henry Stanley</i> —A travers le continent mystérieux, contenant 9 carts et 150 gravures, 2 vols. encs.	8\$000
<i>Lisboa</i> —Relação de uma viagem a Vene-	

suela, Nova Granada e Equador, 1 vol. enc. com gravuras	4\$000
<i>Ampère</i> —Promenade en Amérique (Etats-Unis—Cuba—Mexique), 2 volumes, encadenados,	4\$000
<i>D'Avezac</i> —L'Afrique, 2 vols. encs. com gravuras	3\$000
<i>Emilio Castelar</i> —Europa en el ultimo trienio, 1 vol. enc.	2\$000
<i>José Correa de Mello</i> —Joanneida, poema epico em dez cantos, 1 vol. encadernado (raro)	4\$000
<i>Francisco de Sá de Menezes</i> —Malaca conquistada, poema heroico em 12 cantos, 1 vol. enc. (raro)	4\$000
<i>Bento José de Sousa Farinha</i> —Segundo cerco de Diu, poema em 11 cantos, 1 vol. enc. (raro)	3\$000
<i>Gabriel Pereira de Castro</i> —Ulyssea ou Lisboa reedificada, poema em 10 cantos	2\$000
<i>Jeronymo Corte Real</i> —Naufragio de Selpuveda, poema heroico em 1 canto, 2 vols. encs.	3\$000
<i>Clau. io Manoel da Costa</i> —Villa Rica, poema, 1 vol. enc. (raro)	3\$000
<i>Vasco Mausinho de Quebedo</i> —Affonso Africano, poema heroico, 1 vol. encadernado (raro)	3\$000
<i>Antonio de Souza de Macedo</i> —Ulyssippo, poema heroico, 1 vol. enc. (raro)	3\$000
<i>Pedro de Andrade Caminha</i> —Poesias, 1 vol. enc. (raro)	3\$000
<i>Castel Delill</i> —As plantas. Os jardins, poemas traduzidos por Bocage, 1 vol. enc. com gravuras	3\$000
<i>Tito Lucrecio Curo</i> —A natureza das cousas, poema traduzido por Lima Leitão, 2 vols. encs.	3\$000
<i>Milton</i> —O paraíso perdido, poema heroico, traduzido por José Amaro da Silva, 2 vols. encs (raro)	4\$000
<i>Pedro Antonio Correia Garção</i> —Obras poeticas, 1 vol. enc.	2\$500
<i>Francisco de Sá de Miranda</i> —Obras, 2 vols. encs.	4\$000
<i>Ovidio</i> —Cartas, traduzidas por Miguel do Couto Guerreiro, 2 volumes encadernados (raro)	4\$000
<i>Parnaso Lustiano</i> ou poesias selectas. Os Burros ou o reinado da sandice, precedido de uma historia da lingua e poesia portugueza, por Almeida Garrett, 7 vols. encs. (raro)	10\$000

A<sup>1</sup> VENDA NA  
**LIVRARIA CLASSICA**  
 DE  
**ALVES & COMP.**  
 46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48  
**LEITURA E ESCRIPTA**  
 OBRAS DIDACTICAS  
 DE  
**HILARIO RIBEIRO**

**SÉRIE INSTRUCTIVA**

PREMIADA PELO JURY DA EXPOSIÇÃO PEDAGOGICA DE 1883 COM O DIPLOMA DE 1<sup>a</sup> CLASSE

<i>Primeiro Livro de Leitura (Syllabario)</i> . . . . .	\$500
<i>Segundo</i> " " " (Contos e dialogos) . . . . .	1\$000
<i>Terceiro</i> " " " (Conhecimentos uteis) . . . . .	1\$500
<i>Quarto</i> " " " (Os homens e as cousas) . . . . .	2\$000

**SÉRIE EDUCATIVA**

PREMIADA COM DIPLOMA DE 1<sup>a</sup> CLASSE NA EXPOSIÇÃO DE OBJECTOS ESCOLARES EM 1887

<i>Cartilha nacional</i> , ensino simultaneo de leitura e escripta, 1 vol.	\$500
<i>Scenario infantil</i> , (novo segundo livro de leitura), 1 vol. com gravuras	1\$000
<i>Na terra, no mar e no espaço</i> (novo terceiro livro de leitura), 1 vol. com gravuras	1\$000

<i>Patria e dever</i> , elementos de educação cívica e moral, (novo quarto livro de leitura), 1 vol.	1\$000
--	--------

<i>Lições de cousas animadas e inanimadas</i> , por Zaluar, 2. <sup>a</sup> edição, 1 vol.	1\$000
--	--------

<i>Cathecismo da doutrina christã</i> , aprovado pelo Exm. e Revm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, adoptado pelo conselho superior da instrucção pública para ser ensinado nas escolas do Governo Imperial, 4. <sup>a</sup> edição muito melhorada, por monsenhor C. Couturier, 1 vol. in-12 cart.	\$500
--	-------

*Compendio de historia sagrada*, seguida da

*geographia sagrada* pelo mesmo monsenhor C. Couturier, 1 vol. in-16 cart. \$300  
*Diurnal da mocidade christã* dedicados aos filhos da terra de Santa Cruz, por monsenhor C. Couturier, 4.<sup>a</sup> edição, 1 volume in-32 enc. 2\$000

*Historia Sagrada*, (pequena) para a infancia, premiada pela sociedade para instrução elementar, traducção de D. Maria E. Leal, 2.<sup>a</sup> edição ornada de gravuras, cart. \$500

*Grammatica Portugueza* (curso superior, 3.<sup>o</sup> anno) por João Ribeiro, 3.<sup>a</sup> edição correcta e augmentada, 1 vol. in-12 3\$000

*Grammatica portugueza elementar*, (curso medio, 2.<sup>o</sup> anno) por João Ribeiro, 1 volume 2\$000

*Grammatica portugueza da infancia*, curso primario, (1.<sup>o</sup> anno) por João Ribeiro, 2.<sup>a</sup> edição, com gravuras, representando o emprego das preposições, 1 vol. 1\$000  
*Diccionario Grammatical* contendo em resumo todas as matérias que se referem ao estudo historico comparativo da lingua portugueza 4\$000

*Grammatica elementar* e lições progressivas de composição, por Hilario Ribeiro, 1 vol. in-12 cart. 1\$200

*Principio de composição*, descrições, narrações, cartas, etc., segundo o programma de 1887, por Guilherme do Prado, 1 volume in-12 cart. 1\$500

*Compendio de analyse logica* precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 2.<sup>a</sup> edição, 1 volume in-12 cart. 1\$500

*Analyse synthatica*, novo methodo theorico e pratico, por A. E. da Costa e Cunha 1\$500

*Grammatica nacional*, por Coruja, 1 v. 1\$000

*Explicador de Arithmetica*, por Eduardo de Sá, em collaboração com seu filho o engenheiro Crokatt de Sá. Setima edição correcta e augmentada com muitas notas intercaladas no texto, 1 vol in-8. 3\$000

*Systema metrico decimal*, para uso das escolas primarias, pelo professor Jordão, 1 vol com as figuras representando os novos pesos e medidas, 1 vol. \$800

*Elementos de algebra*, por C. B. Ottoni, Quinta edição correcta e augmentada com notas intercaladas no texto, 1 volume in-8 3\$000

*Elementos de geometria e trigonometria rectilinea*, por C. B. Ottoni. Sexta edição mais correcta e augmentada, e com numerosas notas e figuras intercaladas no texto e impressas em typo menor, 1 vol. in-8 5\$000